

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**



**ADRIELLE MAGLY SANTOS FREIRE
ANA PAULA LIMA SANTOS**

A BELEZA DO (IM)PERFEITO:
Um documentário sobre a beleza do atleta deficiente

Salvador
2014

**ADRIELLE MAGLY SANTOS FREIRE
ANA PAULA LIMA SANTOS**

A BELEZA DO (IM)PERFEITO:
Um documentário sobre a beleza do atleta deficiente

Memorial apresentado ao Curso de graduação em Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo e Produção Cultural.

Orientador (a): Prof.(a) Regina Gomes

Salvador
2014

AGRADECIMENTOS

São tantos e tão especiais...

A Deus, por tudo: pela sabedoria, força, coragem, proteção...

A Antonieta, José Augustinho e Maria do Amparo por nos fazerem acreditar que tudo é possível.

A Maria, Arlinda e Josefa, nossas lindas avós, pelas orações.

A Tito pela proteção e pelo cuidado.

A Marcelo, Monica, Jeferson, Bernardo, Cleuma, Fábio e Saja, pelas histórias e ensinamentos.

A Airla Maciele pelas correções e suporte.

A Regina Gomes, orientadora querida, sempre tão atenciosa, receptiva e acima de tudo, uma mestre.

A todos os familiares e amigos pela força.

Muito obrigada por possibilitarem essa experiência enriquecedora e gratificante, da maior importância para nosso crescimento como seres humanos e profissionais.

“Quando assistimos a esportes, gozamos em nossa imaginação, de vidas que jamais teríamos talento ou tempo para viver”.

Martin Seel

RESUMO

O presente trabalho promove uma discussão sobre como o esporte atua promovendo a beleza estética e atlética do atleta com deficiência física. O documentário, produto da pesquisa, promove uma reflexão sobre o padrão de beleza corporal vigente, como ele interfere e influencia na criação de preconceitos e busca entender quais as contribuições do esporte para a ressignificação desses padrões, quando o atleta é também o dono de um corpo que possui alguma imperfeição física. Na sociedade atual o corpo deficiente é sempre estigmatizado, pois além de não condizer com o modelo estético cultuado, é frequentemente associado à fraqueza e fragilidade. Mas quando o corpo deficiente também é atlético, pode-se observar que estas qualidades negativas são transformadas. Durante as pesquisas e as entrevistas realizadas para a confecção do documentário ficou claro que a prática esportiva permite- as pessoas de modo geral e a pessoa com deficiência de modo particular- o conhecimento e aceitação do próprio corpo. Mas, além disso, o esporte acaba potencializando as características físicas de cada ser, de forma que o corpo é estimulado sempre a superar limites e ir além do que nossa aparência física indica que podemos ir.

Palavras-chave: esporte; documentário; beleza; corpo.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| I CAPÍTULO: Apresentação | 7 |
| 1.1- Sobre nós..... | 8 |
| 1.1.1- A jornalista: Ana Paula Lima..... | 8 |
| 1.1.2- A produtora cultural: AdriellyMagly..... | 9 |
| II CAPÍTULO: O descobrimento do corpo através do esporte | 11 |
| 2.1- A construção do corpo e sua relação com o estabelecimento de estigmas..... | 11 |
| 2.2- O que é documentário?..... | 16 |
| 2.3- Produzindo com ética | 19 |
| 2.4- Tipos de documentários..... | 21 |
| 2.5- Documentário X Esporte..... | 22 |
| III CAPÍTULO: Amor pela pesquisa | 23 |
| 3.1 – Metodologia utilizada..... | 23 |
| 3.2 – Pré-produção..... | 24 |
| 3.3 – Conhecendo as fontes e elaborando o roteiro..... | 25 |
| 3.4 - A edição..... | 25 |
| 3.5 – Encontrando o tom..... | 27 |
| 3.6 – Sobre os nossos ídolos..... | 27 |
| 3.6.1- Marcelo Collet: o desbravador dos mares..... | 28 |
| 3.6.2 – Monica Veloso: “foi paixão pela água mesmo” | 29 |
| 3.6.3 – Jefferson Gonçalves: o melhor do mundo..... | 30 |
| 3.6.4 - OS meninos e meninas do basquete..... | 30 |
| IV CAPÍTULO: Aprendendo com o TCC | 32 |
| V CAPÍTULO: Jogando o jogo | 33 |
| 5.1– Futebol de cinco..... | 33 |
| 5.2– Basquete em cadeira de rodas..... | 34 |
| 5.3- Natação..... | 34 |
| 5.4 – Paratriatlo..... | 35 |
| VICAPÍTULO: Conclusão | 37 |
| REFERÊNCIAS | 39 |

I CAPÍTULO

1. APRESENTAÇÃO

O corpo humano não é um dado puramente biológico. Sempre existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve no corpo de seus membros ao longo do tempo, significados esses que definem o que é o corpo ideal.

Porém, esses ideais de beleza também mudam com o passar dos anos e as alterações culturais. Quando observamos o quadro “As Três Graças” pintado por Peter Paul Rubens em 1640, percebemos que o padrão de beleza da época é bem diferente do cultuado atualmente. Mas quando o assunto é beleza corporal atlética podemos observar que desde a antiguidade existe um padrão que se mantém até hoje.

Os corpos atléticos geralmente são os mais fortes, os mais ágeis, os mais saudáveis, os mais bonitos, funcionam como o modelo de beleza a ser seguido. A prática esportiva exige habilidades físicas e técnicas e aos poucos imprimi no corpo características associadas com as qualidades citadas acima. Estas qualidades também estão relacionadas com o conceito de belo compartilhado pela sociedade atual.

Sendo assim, para Zilloto(2008) toda a diferença, imperfeições e alterações corporais que fogem aos padrões vigentes – corpos magros, malhados, jovens – são tidas como exemplos da fragilidade e finitude. Mas quando a deficiência é associada ao esporte vemos frequentemente a resignificação desses valores, de alguma forma o estigma que essas pessoas sofrem parece diminuir quando elas provam, através da atividade física, a capacidade de desempenhar funções semelhantes das praticadas pelas pessoas sem deficiência física.

Entendemos que um trabalho capaz de provocar reflexões sobre como o esporte atua na construção da beleza atlética e estética do atleta deficiente, só surtiria um efeito mais eficaz se ele fosse imagético, por isso, os debates e as discussões em torno do tema serão realizados, sobretudo, através de um documentário. O desafio aqui é entender e exemplificar, através de imagens, como a prática esportiva atua como promotora da beleza corporal e atlética do deficiente físico, transformando a relação que ele tem com o próprio corpo, bem como a imagem que a sociedade tem dele.

Assim como as palavras, as imagens gozam de forte poder de significação, mas como o documentário tem uma ligação com o mundo histórico muito forte, acreditamos que aqui o imagético acaba se tornando de alguma forma a prova do mundo vivido. Sendo assim, nosso objetivo ao escolher o formato documentário é produzir um trabalho que não seja apenas subjetivo, mas na medida em que parta da visão de duas estudantes, ofereça ao telespectador possibilidades de outra interpretação.

Nosso objetivo aqui foi elaborar um documentário capaz de provocar discussões sobre a construção da beleza corporal estética e atlética do atleta deficiente, levando

em consideração o papel do esporte como fator importante na reconstrução e ressignificação desta beleza.

Buscamos investigar como o esporte ajuda a transformar as deficiências do corpo em um corpo-liberdade, corpo-superação, corpo-eficiência, corpo-forma e corpo-beleza, para dessa forma analisar como a prática esportiva ressignifica a noção de belo tanto para o deficiente quanto para a sociedade em geral.

Também pretendemos mostrar que apesar do corpo com alguma “imperfeição” ser frequentemente estigmatizado como incapaz, frágil e até mesmo feio, eles podem atingir uma excelência física e técnica, proporcionada pela prática esportiva, que os transformam em exemplos de superação, força e coragem. Nosso objetivo é mostrar que essas qualidades já estão presentes nos deficientes, o esporte só as potencializa. Além disso, tentamos entender como as pessoas ditas “normais” vêem o atleta deficiente, para observar se há alguma diferença entre o “corpo do deficiente” e o “corpo do atleta deficiente” e a partir daí descobrir o poder do esporte como promotor de inclusão social.

1.1 – Sobre nós

1.1.1 – A jornalista: Ana Paula Lima

Feirense, rubro-negra e agora, quase jornalista. Estas são apenas algumas definições sobre mim, Ana Paula Lima, 21. O jornalismo surgiu em minha vida no último ano do ensino médio, em 2009. Foi um amor sem explicações, assim à primeira vista mesmo. No fim do mesmo ano prestei vestibular para Universidade Federal da Bahia (UFBA), para alegria de todos e felicidade geral da minha família (parafrazeando Dom Pedro I), passei.

Eu vim para Salvador e a partir do primeiro semestre de 2010 comecei a descobrir este mundo novo e fantástico que é a Universidade. A cada semestre o amor pelo jornalismo só aumentava, mas, claro, momentos de desilusões existiram. Sempre gostei de esporte e desde o início da graduação tinha vontade de trabalhar com jornalismo esportivo. Como na grade curricular não havia nenhuma matéria específica, tentei aproveitar ao máximo as oficinas da faculdade para abordar o tema.

Durante estes quatro anos, eu participei de grupo de pesquisa, de projetos de extensão, de congressos, palestras, cursos e de Atividade Curricular em Comunidade (ACC). Ganhei até um prêmio por uma matéria que fiz para um jornal elaborado em uma das duas ACCs que participei: o Prêmio Telefônica Vivo, categoria jornalismo impresso, com a matéria “Tocando a bola”.

O último trabalho do curso de Comunicação não poderia ter um tema diferente: esporte. Juntamente com uma amiga, decidi que o meu TCC iria falar sobre o assunto que sempre fez meus olhos brilharem. Elaborar um trabalho sobre paratletas foi muito

gratificante e de uma aprendizagem imensurável, uma forma bem legal de finalizar esta etapa de minha vida. Terminar a graduação é um misto de alegria, saudades e incertezas sobre o futuro, mas hoje me sinto mais preparada para enfrentar a vida. Que venham os próximos desafios!

1.1.2 – A produtora cultural: AdriellyMagly

Um estranho no ninho. Foi assim que me senti quando depois o Estado de Sergipe, lugar onde nasci e fui criada e cheguei ao curso de Produção Cultural da Universidade Federal da Bahia. Acho que na verdade, esse era o sentimento dos 30 alunos que ali estavam, afinal de contas era tudo muito diferente do que imaginamos no dia em que fizemos a inscrição para prestar o vestibular. Ainda lembro como se fosse hoje, a primeira aula como verdadeira faconiana, Teorias da Comunicação, e contei durante o tempo em que a assistia 28 vezes a palavra jornalismo, esperando incansavelmente a palavra produção que apareceu lá no finalzinho para que a decepção não fosse tão grande.

A princípio aquilo me preocupou, e me perguntei: estou no curso certo? Entretanto, ao longo do curso, apesar de ter que repetir para os outros, aquele velho texto sobre o que era Produção Cultural toda vez que alguém me perguntava que curso fazia, percebi que tinha em mãos grandes chances, como por exemplo, a de entender dois cursos em um só. De aprender a discutir sobre produção cultural e produção jornalística ao mesmo tempo. De terminar um curso onde o fim não fosse de fato o fim, mas o começo. E isso foi abrindo meus olhos, pois nunca gostei de grandes certezas e talvez o destino tenha me levado ao curso de Produção Cultural por causa disso. Afinal de contas, ser produtora é conviver com as incertezas o tempo todo. A incerteza da aprovação e aceitação de um projeto. A incerteza de um mercado instável e inconstante. De um público que pode mudar de ideia em menos de 24 horas. E fui ficando...

Agora o final dessa etapa se aproxima e vejo com clareza o quanto foi importante para meu crescimento profissional e para o meu crescimento pessoal terminar esse curso. Aprendi a ser mais que produtora, saio do curso de Comunicação Social – Produção em Comunicação e Cultural, como verdadeira comunicóloga. Não aprendi apenas sobre a cena cultural da Bahia e do Brasil, mas sobre a comunicação de um modo geral e todos os processos de formação da mesma. Aprendi a verdadeira importância de “comunicar” e entender os meios que possibilitam esse processo, além de desenvolver um senso crítico que seja capaz de me fazer ver um objeto e além desse objeto, e isso é de fato o meu maior aprendizado.

Além disso, foi através desse curso e das disciplinas, principalmente as optativas, que fui aprofundando o meu conhecimento a respeito do audiovisual e sobre as possibilidades que esse universo pode proporcionar. Entender o que há por trás das produções televisivas e cinematográficas, e principalmente a forma como as mesmas

são capazes de chegar até o seu receptor e provocar as mais variadas sensações aumentou o meu fascínio e despertou ao longo desses pouco mais de quatro anos o desejo de produzir algo que fosse capaz de resumir essa trajetória de grandes e significativos aprendizados.

II CAPÍTULO

2 - O DESCOBRIMENTO DO CORPO ATRAVÉS DO ESPORTE

Fundamentamos nossa pesquisa em conceitos e discussões propostos por autores que discorrem sobre temas ligados a deficiência física, estigmas, esportes e corpo. Buscamos aporte conceitual também naqueles autores que exemplificam de que modo pode ser construído um documentário, linguagem escolhida para apresentação desta pesquisa.

2.1 – A construção do corpo e sua relação com o estabelecimento de estigmas

Os relatos de preconceitos sofridos por pessoas que possuem algum tipo de deficiência física são muito comuns na história da humanidade. Mas não apenas os homens sofrem/sofreram discriminação por não possuírem corpos íntegros. Na mitologia grega o deus Hefestos (Vulcano, na mitologia romana), filho de Zeus e de Hera, foi expulso do Olímpo por nascer com uma deformidade nas pernas.

Acredita-se que sua mãe ficou muito infeliz com a aparência do filho. Apesar de ser habilidoso na manipulação de metais e ter construído várias armas para os deuses, Hefestos sempre sofreu por causa de sua deficiência. “Nascera coxo e sua mãe sentiu-se tão aborrecida ao vê-lo que o atirou para fora do céu” (BULFINCH, 2001, p. 12).

No mundo dos humanos os relatos de preconceitos não são menos dolorosos. Temos casos famosos de desrespeito à pessoa humana que ajudam também a entender como a sociedade ao longo dos anos classifica as pessoas e lida com quem possui um padrão estético diferente do aceito socialmente, um bom exemplo é o caso de Joseph Merrick. A história de Merrick foi contada ao mundo nos anos 1980, pelo diretor David Lynch, que levou para a grande tela do cinema a história daquele que ficou conhecido como “O Homem Elefante”.

Joseph Merrick foi um jovem inglês que possuía uma doença degenerativa rara chamada neurofibromatose múltipla. A enfermidade fez com 90% do seu corpo apresentasse graves deformidades que interferiam na fala, no modo de andar e dava a ele uma aparência disforme. Por causa do problema Merrick sempre ocupou um lugar marginal na sociedade, foi criado por um integrante de circo que cobrava dinheiro das pessoas para que elas pudessem vê-lo, era exposto como um animal, uma aberração.

O sentimento de medo e preconceito que as pessoas tinham para com Merrick por causa de sua aparência, fez com que pouca gente pudesse notar o quanto ele era dócil, educado e sensível. Nas palavras do personagem criado a partir da história do próprio Merrick: “As pessoas se assustam com aquilo que não compreendem”.

Tentar entender a importância da estética corporal para a sociedade é também fazer uma análise cultural de um determinado período histórico. Quando observamos o

quadro “As Três Graças” pintado por Peter Paul Rubens, em 1640, percebemos que o padrão de beleza da época é bem diferente do cultuado atualmente. Mas no contexto histórico em que foi pintado, o quadro revelava um ideal de beleza feminino.

É impossível dissociar o corpo e os padrões estéticos a ele atribuído, do âmbito da cultura, e por ser resultado de um processo cultural, o corpo torna-se um elemento compartilhado socialmente, de maneira que a individualidade corporal é constituída a partir de uma relação de cooptação e resistência de alguns valores.

Para Maffesoli (1994), a *persona*, enquanto arquétipo, vive e repete os instintos criadores coletivos. Enquanto máscara, ela coloca em cena, ou participa da encenação dos tipos gerais. Vale ressaltar também a importância do caráter histórico para a formação do corpo. Segundo Monclar Valverde:

Também pensamos nos sentidos que o corpo adquiriu ao longo da história, pois temos que admitir que o corpo é datado, que nem sempre foi concebido como objeto autônomo e que já foi submetido a vários olhares, a vários tipos de recorte. Além disso, não só o conceito de corpo é histórico, mas o corpo mesmo, enquanto sensibilidade partilhada pela coletividade humana é também histórico. (VALVERDE, 2007, p.249)

Os dois autores demonstram como podemos tecer diferentes formas de pensar o corpo, bem como fomos construindo diferentes formas de nos relacionar com ele dependendo do período histórico e do contexto cultural em que vivemos.

Atualmente podemos perceber uma aparente ambição de dominar o corpo e mantê-lo sob controle seja em busca da saúde, da beleza ou, até mesmo, da juventude. A construção de um corpo magro, belo e jovem virou um mandamento ligado à ideia de sucesso e felicidade de nossa época, principalmente nas sociedades capitalistas. Góes e Villaça afirmam que *a tendência da sociedade de consumo é atribuir ao indivíduo a responsabilidade pela plasticidade do seu corpo. Com esforço e trabalho físico, ele é persuadido a alcançar a aparência desejável.* (GÓES; VILLAÇA, 1998, p. 13).

Ziliotto e Santos (2008) deixam claro também que essa atitude de enxergar o visual como algo preponderante é, sobretudo, um comportamento adotado pelas pessoas na atualidade, que estão sempre focadas na vontade de tornar o corpo cada vez mais desejável. Atualmente, os ideais de beleza cultuados seguem um padrão estético e etário muito rígido. O belo é constantemente associado ao jovem e ao “perfeito”. Vale lembrar que aqui perfeito vai além da integridade física, depende também da concepção de belo compartilhada em cada cultura. Sendo assim, estes autores afirmam que: “em contraponto, toda a diferença, o desvio, as alterações corporais ficam, por sua vez, tidas como patologias, como demonstrações inevitáveis da finitude, da fragilidade e efemeridade do corpo humano”. (ZILIOTTO; SANTOS, 2008).

É neste contexto que a imagem das pessoas com deficiência é associada a fatores como a incapacidade e a fragilidade:

Tidas como imperfeições corporais - visto a idealização e sacralização do corpo preponderante – as deficiências podem justificar o juízo da incapacidade ou impotência atribuída ao sujeito, tomando-lhe não como alguém para além da

experiência como deficiente, mas como refém e reduzido a ela. (ZILIOU; SANTOS, 2008).

É comum que as pessoas entendam as deficiências físicas como algo que inviabiliza a realização de algumas funções. Aqui elas não são entendidas apenas como um obstáculo (comum a todo ser humano), mas são supervalorizadas e passam a ser entendidas com barreiras para a participação social. Este “reducionismo” está ligado principalmente à capacidade que o ser humano possui de julgar a partir das aparências, o que leva a criação de estigmas. Evering Goffman afirma que:

O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é a linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é em si mesmo, nem honroso nem desonroso. (GOFFMAN, 2012, p.13).

Deste modo percebemos que as deficiências podem funcionar de uma dupla forma para os atletas, a saber: eles podem ser discriminados e vistos com pessoas incapazes de até atravessar uma rua, ou serem vistos como heróis, e terem a deficiência descartada ou até potencializada para conferir mais valor à conquista, quando realizam um feito importante e difícil de ser alcançado até por pessoas vistas como “normais”.

No dia 18 de setembro de 2010, o jornal *O Estado de São Paulo* publicou uma matéria em seu site falando sobre a conquista do nadador paraolímpico Marcelo Collet que tinha acabado de conquistar o desafio do Canal da Mancha, onde nadou por 10 horas e seis minutos. A matéria publicada destaca, no início do texto, apenas o fato de Marcelo ser atleta paraolímpico, sem explicitar sua deficiência e quando faz isso, no sétimo parágrafo, o problema físico de Marcelo é colocado como um detalhe que confere mais valor a conquista alcançada por ele. Aqui a deficiência do nadador não é colocada para lembrar a efemeridade do seu corpo, mas para enaltecer ainda mais seu feito. É comum que as vitórias dos atletas paraolímpicos sejam festejadas nos noticiários.

De acordo com Goffman:

Cada vez que alguma pessoa que tem um estigma particular alcança notoriedade, seja por infringir a lei, ganhar um prêmio, ou ser primeiro em sua categoria, pode-se tornar o principal motivo de tagarelice de uma comunidade local; esses acontecimentos geralmente tornam-se notícia nos meios de comunicação. De qualquer forma, todos os que compartilham o estigma da pessoa em questão tornam-se subitamente acessíveis para “os normais” que estão mais imediatamente próximos e tornam-se sujeitos a uma ligeira transferência de crédito ou descrédito. Dessa maneira, sua situação leva-os a viver num mundo de heróis e vilões de sua própria espécie, sendo a sua relação com esse mundo sublinhada por pessoas próximas, normais ou não, que lhes trazem notícias do desempenho de indivíduos de sua categoria. (GOFFMAN, 2012, p. 37).

Porém, no cotidiano, quando estão longe dos holofotes, as deficiências dos atletas são potencializadas negativamente. As matérias jornalísticas, por exemplo, relatam com frequência as dificuldades encontradas por eles no dia-a-dia, para

desempenhar tarefas simples como pegar um ônibus, subir uma escada, atravessar à rua. Estes relatos são reforçados principalmente pela falta de investimento em políticas públicas voltadas para a garantia da acessibilidade.

Esta carência acaba por reafirmar preconceitos. Goffman afirma que:

Por definição, é claro, acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente e muitas vezes sem pensar reduzimos suas chances de vida.”(GOFFMAN, 2012, p.15)

Contudo, não devemos esquecer que apesar de ser usado constantemente para designar algo ruim, um estigma não é essencialmente nem bom, nem mau. Os atletas são bons exemplos de como uma mudança na forma de lidar o corpo pode fazer com que ele não seja aprisionado ou compreendido pelas suas características físicas. Assim como a aura da beleza é inerente a obra de arte e a torna completa, plena, a “aura esportiva” acaba possibilitando que os atletas sejam vistos de uma forma diferente. Se eu direciono um olhar apenas para a deficiência provavelmente terei uma visão preconceituosa e reducionista, mas se eu focalizo o feito atlético, serei capaz de enxergar que as deficiências são apenas detalhes de um corpo que ultrapassando limites chega mais perto da perfeição.

Essa mudança no olhar é proporcionada principalmente por características inerentes a prática esportiva, por aquilo que Hans Ulrich Gumbrecht (2007) entende como a atração que os esportes são capazes de exercer nas pessoas, mas não só por isso e também pela beleza presente tanto na performance quanto no corpo atlético.

Gumbrecht fala em sete fascínios que organizariam (ou justificariam) o gosto pelas disputas esportivas em geral: corpo, sofrimento, graça, instrumentos, formas, jogadas, *timing*. “Fascínio”, aqui, refere-se ao apelo de algo que é percebido no desempenho atlético; diz respeito a uma série de fenômenos que ficam, de algum modo, entre a performance e o ato de julgá-la. Segundo o autor esses são os elementos que compõem o desempenho atlético e são eles que prendem a atenção de quem assiste a um evento esportivo.

Primeiro fascínio: o **corpo**. Aqui a capacidade que o corpo tem de se adaptar a qualquer meta de transformação, as marcas que os esportes deixam nos atletas, produzindo formas específicas que afastam seus corpos do tipo masculino e feminino tradicionais são algumas das características que fazem com que este elemento seja alvo de atenção por parte do público.

Para o autor, o **sofrimento** também funciona como elemento de atração. O que impressiona aqui é o confronto com a morte em potencial. “Trata-se de sofrer até quase chegar à morte, para então, se possível, voltar da experiência de quase-morte e assumir um domínio físico decisivo” (GUMBRECHT, 2007, p.117). Isso acontece em esportes como o boxe, o pugilismo e a luta livre. Mas Gumbrecht também destaca que:

Se a principal atração do boxe é a proximidade do lutador com a morte, isso não significa que a inteligência estratégica, o talento técnico e acima de tudo a

graça nos movimentos estejam excluídos dos atributos que fazem os pugilistas brilharem na percepção de seus fãs. (GUMBRECHT, 2007, p.116).

A **graça** diz respeito ao movimento do corpo fluindo como algo automático, mecânico, que parece dissociar-se das intenções ou dos pensamentos daqueles que os executam. É como se estivéssemos diante de um abandono do corpo. Como se os atletas fossem marionetes.

O quarto fascínio **os instrumentos** surgem da interação entre máquina e homem. Como separar um piloto de Fórmula 1 de seu carro? Ou um tenista de sua raquete? Este relacionamento entre ser humano e seus objetos fazem com que, muitas vezes, seja difícil de separar os dois.

O sucesso depende de um paradoxo inerente: quanto mais um atleta consegue adaptar seu corpo com perfeição à forma e aos movimentos de um cavalo ou de um carro, melhor ele os controla, e mais potencializa a eficácia de seu próprio corpo. (GUMBRECHT, 2007, p. 124).

A ligação dos atletas com seus instrumentos é muito forte. O paratleta Marcelo Collet, por exemplo, relata que estava andando com a bicicleta que competia, no dia que sofreu o acidente que quase o deixou sem uma das pernas. Ele relata que um de seus primeiros pensamentos foi: “como está minha bicicleta?”.

Ainda temos o fascínio das **formas**. Ou seja, o movimento do atleta produz uma forma plasticamente bela, em um determinado momento. Do nada, essa forma surge; de pronto, desaparece. A patinação artística e o salto ornamental são os esportes onde esse fascínio das formas opera com maior força. De acordo com Gumbrecht (2007) *alguma coisa acontece aos corpos nos grandes momentos do esporte, algo para o qual os corpos não foram feitos*.

As **jogadas**, fascínio típico dos esportes coletivos. Aqui, a beleza fica por conta da imprevisibilidade. Nem os próprios participantes da jogada sabem explicar exatamente o que lhes aconteceu, o que eles fizeram ou como fizeram. Eles simplesmente fazem. E, talvez, nem consigam repetir o feito novamente.

Por fim, o **timing**. Trata-se do senso de ocupação do espaço e do tempo, “colocar o corpo num espaço específico no momento exato em que ele precisa estar lá”, diz Gumbrecht (2007, p. 140).

Essas são algumas características responsáveis pela beleza plástica, visual, presentes nos esportes. Destes é interessante destacar dois critérios: o corpo e o sofrimento. Nas competições paraolímpicas estes dois fascínios são ainda mais potencializados de forma que as deficiências físicas e a dificuldade para alcançar as vitórias (o sofrimento) conferem a conquista um valor mais alto.

A vitória é sempre a honra maior, é a quebra de paradigmas e preconceitos. Ninguém está interessado se o atleta vencedor é cadeirante ou possui algum tipo de atrofia nos membros. No pódio o que importa é a conquista, o feito, a superação de um limite corporal. O atleta se torna belo por isso, por ter superado a si próprio, chegado

próximo a perfeição, ainda que sendo imperfeito, como todos nós somos. No momento da vitória o maior prêmio não é o troféu, mas a conquista da *areté* (palavra grega que designa o mérito ou a qualidade pelo qual algo ou alguém se mostra excelente no que faz), a honra maior, a conquista da altivez moral.

Gumbrecht (2007) relata que na Grécia antiga alguns lutadores antes de iniciar suas competições passavam óleo nos corpos, alguns acreditavam que o líquido era colocado para ajudar no desempenho da luta. O autor atenta para o fato de que com o óleo os corpos reluziam ao sol, o brilho fazia os atletas parecerem deuses. A conquista de um primeiro lugar nas provas esportivas também tem este poder de transfigurar os atletas. Naquele momento de glória suprema não importa suas limitações físicas, por algum tempo eles torna-se deuses e nos fazer lembrar que nosso corpo pode sempre nos surpreender, apesar de todas as limitações.

Ser imperfeito não é algo ruim, nas palavras de Giovanni Pico della Mirandola (apud GÓES; VILLAÇA, p. 21, 1998): “precisamente por ser imperfeito o ser humano tem uma grande vantagem para sobre os anjos (que são perfeitos) poder aperfeiçoar-se sempre infinitamente”.

Corpo, beleza, deficiências, esporte... Qual suporte nós usaríamos para traduzir os questionamentos sobre termos tão complexos? Notamos deste o início que nosso produto teria que ser audiovisual, pois as palavras, por si só, não dariam conta de ilustrar e representar as ambiguidades e particularidades que giram em torno destes temas. Como também não pretendíamos dar respostas prontas, mas fazer com que as pessoas que tivessem acesso ao nosso trabalho refletissem sobre o assunto, a linguagem imagética tornou-se o suporte mais adequado para o projeto. Optamos por elaborar um documentário, pois entendemos que o gênero nos ajudaria a estimular a reflexões nos nossos espectadores.

Sendo assim, para desenvolver o trabalho também foi necessário buscar aporte metodológico e conceitual nos autores que discorrem sobre a elaboração de documentários. Aqui buscamos entender também a relação que este tipo de narrativa estabelece com a forma de retratar as competições esportivas.

2.2 – O que é documentário?

Frequentemente os cineastas recorrem à linguagem documental quando pretendem fazer uma produção audiovisual baseada no recorte, mais fiel possível, de uma situação do mundo histórico. Mas este modo de representar também está sujeito a regras que determinam sua elaboração. Assim como uma matéria jornalista, muitas vezes, o documentário acaba também por se tornar resultado de uma construção, afinal é papel do cineasta selecionar cenas, optar por determinados movimentos de câmera em detrimento de outros, escolher trilha sonora, entre outros recursos, que são responsáveis por conduzir à narrativa e direcionar o olhar do espectador.

O gênero documentário também compartilha algumas similaridades com os filmes de ficção, ainda que possuindo características próprias que o distingue dos outros gêneros audiovisuais. Para Fernão Pessoa Ramos um documentário é:

[...] uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de *asserções* sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece *asserções* sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como *asserção* sobre o mundo. (RAMOS, 2008, p.22)

No trecho Ramos deixa claro que uma das principais funções do documentário é produzir afirmações (*asserções*, nas palavras do autor) sobre o mundo. Contudo, os filmes de ficção também são capazes, em certa medida, de produzir *asserções* sobre o mundo e atento a esta proposição o autor também afirma que: “(...) ao contrário da ficção, o documentário estabelece *asserções* ou preposições sobre o mundo histórico” (RAMOS, 2008, p.22), ou seja, um documentário fala sobre fatos sociais que aconteceram em determinado tempo e espaço do mundo histórico, humano. Ao passo que a ficção geralmente descreve fatos que pertencem majoritariamente ao mundo imaginário.

A importância do relato do mundo histórico é fundamental na narrativa documentária, pois só a partir desse fator (localização da narração no mundo histórico) podemos separar pessoas de atores, mundo real do mundo imaginário. Podemos mesmo dizer que o documentário aparece quando seu idealizador descobre a potencialidade de contar histórias de personagens que corporificam as *asserções* sobre a vida.

Porém, definir o que é um produto documental não é uma tarefa fácil, existe um entrelaçamento entre as fronteiras das narrativas documentais e ficcionais. Sobre o assunto Bill Nichols (2006) traz uma colocação instigante. Para o autor há na narrativa de ficção características da produção documental. “Todo filme é um documentário. Mesmo a mais extravagante das ficções evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela”. (NICHOLS, 2006, p. 26)

A afirmação também traz implícito o pensamento de Ramos (2008) sobre a capacidade que tanto os relatos ficcionais quanto os documentais têm de produzir *asserções* sobre o mundo. Mas para Ramos as narrativas ficcionais estabelecem *asserções* diferentes das narrativas documentais e, principalmente, para espectadores distintos. Aqui, a recepção entra como um fator de destaque. Quando um espectador decide assistir a um filme, geralmente ele sabe se a produção é ficcional ou documental e isso faz com que este receptor estabeleça uma relação com a narrativa a partir deste saber prévio, uma espécie de contrato de leitura, que faz com que o espectador crie relações e empatias emotivas de maneiras diferentes com cada linguagem (narrativa e documental) e, de certa forma, o contrato de leitura acaba sendo um fator importante na produção audiovisual.

Um diretor de um filme de ficção, por exemplo, sabendo que seu público vai entender que aquelas ações pertencem ao mundo imaginário, pode fazer com que o ator principal da trama sobreviva à explosão de um carro, depois de ele ter capotado e batido em um muro, o que no “mundo real” pode ser algo quase impossível de acontecer. Ainda assim, o veículo pode ser do modelo mais cobiçado no Brasil, nos anos 1970. Este fator revela uma característica social e cultural da produção em questão, ou seja, nos detalhes de uma narrativa ficcional podem existir fatores documentais sem que esta perca a sua essência.

Partindo do pressuposto de que todo filme é um documentário, Nichols (2006) propõe duas tipologias: documentários de satisfação de desejos (são os que normalmente chamamos de ficção) e os de representação social (os que exibem aspectos do mundo em que vivemos, ou seja, exploram a realidade da forma em que ela se apresenta).

É interessante esta afirmação de Nichols, pois ela entende como positiva a visão de documentário como construção, o cineasta deve criar uma representação (um recorte social) de maneira a possibilitar aos telespectadores outra forma de ver o mundo comum, mostrar uma nova realidade a partir de uma situação dada, não inventar, mas construir uma representação. Representar aqui não é sinônimo de encenar, mas de apresentar um recorte que está inserido em um contexto muito maior do mundo histórico.

Para o autor, as narrativas documentais:

Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. Quanto desses aspectos da representação entram em cena, varia de filme para filme, mas a ideia de representação é fundamental para o documentário. (NICHOLS, 2006, p.30).

Nichols destaca também que as imagens por si só já são grandes exemplos de representação. Além disso, as pessoas que fazem parte do relato documental não deixam de ser elementos representativos. Só que nestes casos a produção do roteiro e os “atores” exigem outro tratamento, já que estamos falando de pessoas com vidas e histórias reais. Aqui “as ‘pessoas’ são tratadas como atores sociais: continuam levar a vida mais ou menos como fariam sem a presença da câmera. Continuam a ser atores culturais e não artistas teatrais” (NICHOLS, 2006, p.31).

Já para Adriane Piovezan (2010) a diferença entre um filme ficcional e um documental é que este último trabalha com referências. A autora destaca que o documentário apresenta uma forma já consolidada de representação social e sempre trabalha com referências do mundo histórico.

Todas estas discussões evidenciam que definir o que é um documentário é uma tarefa difícil, apesar dos limites estarem postos, o entrelaçamento de fronteiras existe. E são os pontos de divergência que ajudam a elaborar uma resposta para a pergunta: o que é um documentário? Ramos destaca algumas características que são estruturantes para a linguagem documental.

Podemos igualmente, destacar como próprios à narrativa documentária: presença de locução (*voz over*), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo, rara utilização de atores profissionais (não existe um *star system* estruturando o campo documentário), intensidade particular da dimensão da tomada. Procedimentos com a câmera na mão, imagem tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação da tomada [...]. (RAMOS, 2008, p.25).

Nos termos de Nichols, nosso trabalho é um documentário de representação social, pois tentamos mostrar as histórias de vida dos atletas da maneira como eles vivem/viveram, abordando angústias, relatos de preconceitos e as conquistas, tanto profissionais (esportivas) quanto pessoais. Um de nossos desejos com a elaboração do produto audiovisual foi justamente aquilo que Nichols entende como o objetivo principal dos documentários de representação social. Nas palavras do autor “proporcionar novas visões de um mundo comum” (NICHOLS, 2006, p.27).

É possível afirmar, com algum grau de certeza, que quem vê a nadadora Monica Veloso nas ruas de Salvador, não imagina que ela é uma das paratletas mais importantes da Bahia. Dificilmente uma pessoa vai reconhecer Jefferson Gonçalves, jogador do futebol de cinco, ou cumprimentá-lo por ser o melhor jogador do mundo. Queremos justamente oferecer uma nova visão sobre estas pessoas, sobre a vida e as conquistas delas, para despertar nos espectadores pelo menos uma reflexão, quando eles se depararem com alguém que possui deficiências semelhantes as de Monica e Jefferson. O importante aqui é despertar o desejo de olhar o outro com respeito e não com pena.

O documentário conta com as vozes de cinco paratletas. Todos eles trazem informações que produzem afirmações (asserções para Ramos) sobre o mundo. São histórias, relatos de vida que certamente marcam também outros atletas com características físicas semelhantes. Eles são a representação de um universo bem maior, compõem o nosso “recorte” para representar a sociedade.

O produto tem cerca de 24 minutos de duração e é dividido em blocos para oferecer a quem assiste uma visão mais completa sobre a vida de cada entrevistado. Em apenas um momento utilizamos *voz over* (logo na abertura) e é esta voz também a responsável pelo fechamento do filme, sendo que na etapa final revelamos o dono da voz, o professor José Antônio Saja. Apesar de iniciarmos as gravações com um roteiro, nunca ficamos presas a ele, por isso o roteiro final foi reconstruído a partir das entrevistas e depoimentos coletados.

2.3 – Produzindo com ética

De acordo com Nichols quem pretende fazer um documentário precisa responder a esta pergunta: “que responsabilidade têm os cineastas pelos efeitos de seus atos na vida daqueles que são filmados?” (NICHOLS, 2006, p.32).

Esta será uma de nossas preocupações, pois nossas fontes, em alguns casos, são pessoas públicas. Além disso, não pretendemos acabar reafirmando um preconceito que queremos negar, ou seja, não queremos que nosso documentário acabe por se tornar uma narrativa em que os atletas sejam reconhecidos pelo fato apenas de superação de suas deficiências, mas sim por ultrapassarem limites corporais comuns a todos nós e que de alguma forma todas as pessoas, em menor ou maior grau, possuem.

Por isso, ao fazermos as gravações tínhamos em mente a preocupação de obedecer aos princípios éticos e de deixarmos claro para as nossas fontes onde iríamos exibir o filme e qual era nosso objetivo com ele, a fim de conquistar o reconhecimento e a confiança dos nossos personagens. Segundo Ramos, *a ética compõe o horizonte a partir do qual cineasta e espectador debatem-se e estabelecem sua interação, na experiência da imagem-câmera/som conforme constituída no corpo-a-corpo com o mundo, na circunstância da tomada*". (RAMOS, 2008, p.33).

Quando o telespectador se coloca diante da tela para assistir a um documentário, ele estabelece com o cineasta uma série de acordos tácitos e estão implícitos também acordos éticos que devem nortear os diretores na hora das filmagens.

Aqui é interessante perceber também que o compromisso não é necessariamente com a verdade, se é que ela existe. Para Ramos (2008) o fato de documentários poderem estabelecer asserções falsas como verdadeiras (o fato de poderem mentir) também não deve nos levar a negar a existência de documentários, o autor ressalta que um filme pode ser documental ainda que ele seja pouco claro.

Então, a questão ética não diz respeito a um julgamento sobre a verdade das cenas gravadas, mas sim sobre um modo de fazer que auxilia e norteia os cineastas no relacionamento que eles estabelecem com suas fontes e com seu público.

Ramos (2008) classifica quatro sistemas de valores que determinam a presença do sujeito-da-câmera na tomada de asserções sobre o mundo, são eles: **ética educativa** (cuja função da narrativa é a de veicular asserções que divulguem aspectos funcionais do Estado, formativos no processo educacional do cidadão); **ética da imparcialidade/recuo** (trata-se de um conjunto de valores que se constrói a partir da necessidade de trazer a realidade, sem interferências, para o julgamento do espectador); **ética interativa/reflexiva** (sustenta que a intervenção no mundo pelo emissor do discurso, o sujeito câmera, é inevitável) e a **ética modesta** (aqui o sujeito que enuncia vai diminuindo o campo de abrangência de seu discurso sobre o mundo até restringi-lo a si mesmo).

Para a elaboração de nosso documentário nos baseamos nos princípios da ética interativa/reflexiva, pois trata-se de um trabalho acadêmico que exigiu de nós a formulação de uma hipótese. A nossa hipótese era que o esporte atua como um dos principais fatores na reconstrução da beleza estética e atlética do paratleta e por ter

dado este recorte nosso objetivo é que o espectador reflita sobre isso ao assistir o documentário, guiamos o olhar do espectador, sem, no entanto, fornecer uma resposta final sobre este assunto.

2.4 – Tipos de documentários

Para Nichols (2008) existem seis tipos de documentários, são eles: expositivo, observativo, interativo, reflexivo, poético e performático. Mas segundo o autor o fato de escolher trabalhar com um subgênero, não significa restringir o produto a um único modo, a linguagem cinematográfica permite ao cineasta passear por todos eles e retirar características que agregarão valores cinematográficos, ao estilo escolhido como base principal do seu produto. No nosso filme dois tipos se destacam: participativo e o reflexivo.

Para Nichols no tipo Participativo, o cineasta se faz presente na vida dos “personagens” que serão retratados no filme. Aqui quem pretende elaborar um documentário vai se apropriando dos costumes, da forma de viver da comunidade ou grupo social em questão, mas sem deixar de manter um distanciamento, para que seja possível diferenciar-se diante do que vai ser gravado.

Diferente do modo Participativo, onde o foco de criação depende da relação do cineasta entre os participantes do seu filme, o modo Reflexivo, será definido pelos processos de negociação, de acordo com Nichols, com que o mesmo se relaciona com o seu espectador. Aqui, será dominante uma característica que deve prevalecer em todos os tipos de documentários: a capacidade de convencer aquele que o assiste. O autor deixa claro que o documentário, seja ele qual for, depende do descaso do espectador pelo que ele chama, de sua situação real diante da tela, interpretando o filme, em favor da imaginação exigida pelo produto que está sendo apresentado, como se apenas aqueles acontecimentos exigissem interpretação, e não apenas o filme. Para o autor na lista dos filmes que tratam bem tais questões, estão: Reagrupamento, Daughterrite de 1978, Homenagem a Nontoc de 1995 e FarfromPoland de 1984.

Porém, mais importante que entender os tipos e a margem de liberdade entre os tipos de documentários, é entender que a criação dos mesmos só é possível, porque o modo de criação individual de cada cineasta atua de forma significativa nesses processos.

No nosso trabalho passeamos por alguns destes tipos de documentários, mas nossa produção audiovisual está mais focada (como dito anteriormente) nos modos participativo e reflexivo, pois mantemos contato com as fontes ao longo de um ano e meio, participamos de alguns treinos, treinamos com os atletas fizemos uma imersão, para termos uma impressão mais fiel sobre o mundo que estávamos falando. A partir de então montamos nosso filme que, apesar de não oferecer uma resposta fechada para o espectador, não deixa de ser uma tentativa conduzir o olhar dele para fatores que julgamos importantes sobre o tema.

2.5 – Documentário X Esportes

É comum observar filmes que buscam reportar e resgatar as emoções desencadeadas pelas competições esportivas. Segundo Vitor Melo (2005), cinema e esporte, estão entre as linguagens mais acessadas no decorrer do século XX, não somente nos seus espaços específicos (as salas de projeção e os estádios), como também em função da ação dos meios de comunicação, que nelas investiram por se tratarem de produtos de grande penetração popular.

Sendo assim existem várias semelhanças entre os mundos cinematográficos e esportivos. Melo destaca que:

[...] podemos ainda pensar na organização espacial de estádios e cinemas, enquanto locais que isolam parcialmente e momentaneamente os indivíduos do “mundo real”; podemos identificar que as narrativas dos espetáculos de ambas as linguagens possuem protagonistas, antagonistas, heróis, uma seqüência inesperada de ações (embora sempre haja previsões ou suposições anteriores), perdedores e ganhadores, incentivados por um público que acredita no poder de sua influência. (MELO, 2005, p.10).

O interessante notar aqui é que ao representar o esporte nas telonas, muitos cineastas procuraram suporte na linguagem documental. Quando isso não é feito a narrativa tenta reproduzir de forma fiel o acontecimento, sendo raras as vezes que um filme de ficção sobre um evento esportivo ou sobre a vida de um atleta é criado tendo como base totalmente à linguagem ficcional.

É possível que este fato tenha relação com o fascínio que as competições esportivas exercem sobre as pessoas e esta atração atinge cada espectador de forma diferente e sempre pessoal, de maneira que ao recriar no cinema um jogo de futebol, por exemplo, as impressões do diretor que serviram de base para a construção do filme, podem ter sido bem diferente das sentidas por outro espectador. Este segundo pode entender que a produção audiovisual não foi fidedigna ao acontecimento, por tê-lo percebido de outra forma. Daí surge um questionamento, como recriar a emoção de uma cena vivida por um atleta e provocar nos telespectadores o mesmo sentimento que a torcida sentiu ao assisti-lo durante a prova?

Da mesma forma é muito difícil reproduzir o ambiente das competições, o barulho da torcida, o momento do gol, o passe do jogador, a ultrapassagem dos carros, ainda que os atores treinem incessantemente, reproduzir a atmosfera do jogo será quase impossível. Por tudo isso, a maioria dos diretores opta pela linguagem documental quando pretende produzir um filme sobre algum tipo de esporte.

III CAPÍTULO

3 - AMOR PELA PESQUISA

“Sem paixão não dá nem pra chupar um picolé”, este é o alerta feito pelo escritor Nelson Rodrigues. Se não é possível nem chupar um picolé imagina fazer um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Mas ao contrário do que aconselha Rodrigues, os autores dos manuais que ensinam a como elaborar o trabalho final de um curso universitário alertam que agir passionalmente quando o assunto é pesquisa pode ser muito perigoso. Ainda assim resolvemos arriscar.

Motivadas pela paixão em torno do universo esportivo, decidimos, desde primeiro semestre de 2012, que o tema do nosso último trabalho da graduação de Comunicação seria sobre esportes. Direcionamos nosso projeto para a temática. Primeiro surgiu o interesse em falar sobre a experiência estética no futebol, porém reavaliamos a proposta porque percebemos que o tema nos traria várias dificuldades, como a captação de imagens nos estádios, por exemplo.

Depois de algumas aulas com o professor Adriano Sampaio, na disciplina Elaboração de Projeto em Comunicação (COM 116), e de refletir bastante sobre o assunto, enfim encontramos o nosso recorte: “como o esporte ajuda na construção da beleza estética e atlética do atleta deficiente”.

A escolha do tema justificou-se pelo fato de que queríamos tratar de um assunto que tivesse uma repercussão (e um retorno) social, não um trabalho que ficasse restrito apenas a academia. Por causa deste desejo, o formato escolhido foi o documentário. Nosso objetivo com o trabalho era elaborar um produto capaz de provocar discussões sobre a construção da beleza corporal estética e atlética do atleta deficiente, levando em consideração o papel do esporte como fator importante na reconstrução e ressignificação desta beleza.

Logo de início o tema nos encantou, nossa hipótese era de que o esporte era um fator fundamental para a definição da beleza corporal dos atletas deficientes. Partindo deste pressuposto, começamos a fundamentar nossa tese.

3.1 – Metodologia utilizada

Para atingir nosso objetivo nossa pesquisa foi dividida em duas partes. A primeira relativa à análise e estudo do material teórico e das entrevistas que foram gerados a partir da pesquisa em campo e a segunda constituiu-se na produção e execução do documentário.

Para realizar a primeira etapa procuramos aporte metodológico em diversos livros, artigos e textos jornalísticos que abordavam de forma direta ou indireta o universo esportivo e suas influências nos paratletas.

Nossa “amostra” são atletas que participam de competições esportivas e trabalham com esporte de rendimento. O foco do trabalho foi fazer não apenas uma pesquisa descritiva. Nosso objetivo era verificar a pertinência dos questionamentos que possibilitaram nosso objeto de estudo, para construir interpretações e explicações teóricas sobre o grupo social alvo da pesquisa, e com base neste conteúdo produzir o documentário.

Basicamente, nosso trabalho foi fruto da observação de um grupo social, uma pesquisa etnográfica/documental. Por isso, tentamos conhecer ao máximo as pessoas que foram nossos “personagens”, frequentamos alguns ambientes visitados por eles, como forma de analisá-los em suas atividades diárias, uma tentativa que perceber como os atletas interagem em seus contextos sociais.

Nesta primeira etapa estudamos, analisamos e especificamos os dados da pesquisa de campo. Fizemos levantamentos bibliográficos; entrevistas com os atletas e análise de produtos semelhantes. Depois desta fase partimos para a produção do produto.

3.2 – Pré-produção

A primeira atleta que conhecemos foi Monica Veloso. Ela é presidente da Associação Baiana de Atletas Deficientes (ABAD). Encontramos o e-mail dela na internet e entramos em contato. Nosso primeiro encontro foi na manhã de uma quarta-feira, no Shopping Paralela, em setembro de 2012. Monica se mostrou bem interessada na nossa ideia e aceitou participar do documentário.

A princípio pretendíamos relatar apenas a história de Monica, ela seria nossa única “personagem”. Mas em conversas com nossa orientadora professora Regina Gomes, já no primeiro semestre de 2013, decidimos ampliar o número de atletas e diversificar os esportes abordados.

Optamos também por incluir profissionais que lidam direta ou indiretamente com o mundo esportivo, incluímos um fisioterapeuta como fonte e também achamos necessário colocar no documentário a opinião de um estudioso da área da Estética. Depois de definir as “vozes” do produto, fomos atrás das fontes.

O nadador Marcelo Collet foi sugestão de nossa orientadora. Conseguimos o número de celular dele através de um colega jornalista. Marcamos um encontro com o esportista na casa dele e explicamos o projeto. Ele também se mostrou muito solícito e aceitou participar.

Chegamos até o jogador Jefferson Gonçalves, do time de futebol de cegos, através do número de telefone que nos foi passado pela assessora do Comitê Paraolímpico Brasileiro, Mônica Ventin.

Já o número do treinador da equipe de basquete em cadeiras de rodas nos foi passado pela assessoria da Superintendência de Desportos do Estado da Bahia (Sudesb). O professor José Antônio Saja foi o especialista escolhido por nós para falar

sobre estética corporal e sua ligação com o esporte, encontramos seu contato na diretoria da Escola de Belas Artes. Em seguida entramos em contato com o fisioterapeuta Bernardo Gomes. Chegamos também a falar com medalhista olímpica Veronica Almeida, marcamos um encontro, mas ela não compareceu por causa de outros compromissos e por motivo de viagem ela não pode participar do documentário.

Depois de reunirmos todos os atletas e profissionais, foi à vez de procurar uma pessoa responsável por nos ajudar na gravação, já que nós não tínhamos experiência com a parte técnica. Inicialmente a responsável por nossas gravações seria uma colega de faculdade Hilla Santana, porém ela teve que viajar e não pode realizar nossas filmagens. Em um dos encontros de orientação, Regina nos sugeriu o cinegrafista Anderson Soares, seu ex-aluno. Entramos em contato com Anderson. Depois de cinco encontros para discutirmos o projeto, assinamos o contrato.

3.3 – Conhecendo as fontes e elaborando o roteiro

Todos os nossos “personagens” ficaram bem animados para participar do documentário. Eles entenderam o tema e notamos desde muito cedo que todos tinham muito a contribuir sobre o assunto. Tivemos cerca de dois encontros com cada fonte antes de elaborar o roteiro. Conhecemos seus hábitos, suas histórias, procuramos saber como a deficiência começou e como o esporte surgiu em suas vidas. Conhecemos histórias de superação, percebemos o quanto o esporte tornou-se fundamental para o desenvolvimento corporal e psicológico dos atletas. Enfim, tentamos conhecer seus mundos para falar sobre eles com mais propriedade e descobrimos a veracidade dos versos escritos por Jorge Mautnere Nelson Jacobina na música “Lágrimas Negras”:

“Belezas são coisas acesas por dentro
Tristezas são belezas apagadas
Pelo sofrimento”

Depois das entrevistas partimos para a elaboração do roteiro. Não foi fácil esquematizar uma ordem para as filmagens, afinal a cada novo encontro nossas fontes nos surpreendiam com detalhes até então não revelados. Fizemos uma sugestão de roteiro, mas sempre tivemos em mente que seria um roteiro aberto e que mudanças iriam acontecer e seriam bem-vindas. Depois da definição do roteiro apresentamos o projeto para os atletas. Em seguida definimos a semana de gravação. Fizemos as filmagens entre os dias 10 e 21 de fevereiro.

3.4 – A edição

Para nós, editar foi o ato de abdicar, de parar de sonhar e tentar fazer o melhor do que se tinha de palpável, de real. Pode parecer cruel a principio, mas essa foi uma lição que tivemos que aprender, nos primeiros minutos desse processo.

Depois de um atraso na entrega das imagens e dos áudios, por parte do câmara que contratamos, finalmente começamos a edição. Como já estávamos com um calendário completamente diferente do inicial, e sabíamos que a nossa pouca experiência em edição poderia atrasar ainda mais a nossa finalização, fomos procurando outros meios de adiantar o nosso trabalho e contratamos um colega de faculdade para nos ajudar nesse processo. Conseguimos um horário para que a edição ocorresse na própria Faculdade de Comunicação (Facom) e lá fomos nós.

Começamos a editar na segunda quinzena de março e ao contrário do que pensávamos não foi tão simples quanto gostaríamos. Chegamos na ilha de edição com todo o material decupado e com uma profunda desilusão. As imagens não correspondiam ao esperado, e o roteiro precisava ser desfeito e refeito. Refazer um roteiro que tínhamos construído através dos sonhos e desejos que tivemos ao longo de todo esse processo foi uma das partes mais difíceis desse nosso “encontro com a realidade”. E a pergunta era: Como reformular todo o documentário?

A resposta só foi possível, quando percebemos que no processo de construção de um produto audiovisual, só se tem aquilo que se vê e não aquilo que se ler. Era preciso reconstruir e adequar o roteiro as imagens e não imagens ao roteiro. Não tínhamos mais tempo, nem capital, nem fontes disponíveis para refazer as imagens e os sons, tudo que tínhamos era o material já feito. E mesmo sendo difícil aceitar, era preciso fazer o melhor.

Optamos por realizar a decupagem marcando primeiro as falas mais importantes e só depois fomos analisar de uma forma mais significativa as imagens. E assim foi feito, depois de todos os cortes realizados de acordo com as falas dos nossos personagens, sentamos para discutir as imagens que poderíamos usar.

Analisamos uma, duas, três, quatro... Várias vezes até perceber mais uma vez que precisamos buscar recursos que fossem capazes de cobrir os erros impossíveis de apagar e selecionamos fotografias, imagens de arquivos pessoais e algumas poucas imagens em que obtiveram uma maior qualidade no processo de gravação para junto com as falas de nossos atletas, formar o nosso produto.

E foi nesse processo que nos demos conta de que apesar de ter escrito e imaginado nosso projeto, não tínhamos nada até aquele momento. Editar foi, nesse sentido, a tarefa mais árdua desse processo. Chegar à mesa de edição é deixar para fora da ilha tudo que te prende e limita a sua visão, abdicar das suas paixões e emoções e trabalhar com a frieza de alguém que consegue ver “defeito” nas coisas.

Essa foi uma das maiores lições desse processo, aprender a lidar com o improvável e com as dificuldades que surgem no meio do caminho. Como por exemplo, deixar de usar um dos seus melhores personagens por questões puramente técnicas. Dizer não a sua melhor história porque não se pode mostrá-la. Mas, editar é na verdade uma moeda onde sempre haverá outro lado e você pode tentar enxergar nesse outro lado uma nova possibilidade.

Assim fizemos, procuramos brincar com as possibilidades que foram aparecendo na mesa de edição, e fomos criando o documentário ali, longe do papel, da canela ou do Word. Ao final do primeiro corte, no dia 30 de maio, não tínhamos mais o roteiro inicial ou as imagens que idealizamos, não era como havíamos idealizado na fase inicial do nosso projeto. Mas, a essência era a mesma e as vozes que nos apresentavam um mundo de possibilidades, de realizações e sonhos também. Nós ainda estávamos contando a história de Jefferson, Marcelo, Monica, Fábio, Anderson... Nós ainda estávamos mostrando a beleza do (im)perfeito e isso valeu à pena.

3.5 –Encontrando o tom

Quando Começamos a pensar na forma do documentário, logo começamos também a pensar no som que o mesmo teria e fomos separando e buscando encontrar a música certa para embalar o nosso trabalho. Entretanto, faltava algo. Algo que sabíamos que só poderíamos encontrar em uma canção que fosse realmente dele, que fosse de fato construída com base naquilo que queríamos mostrar.

Então, conhecemos através de Raquel Santana (grande amiga de faculdade) o som do Mauricio Santos, cantor, compositor e produtor. Natural de Salvador, Mauricio se consagrou no cenário musical da Bahia fazendo rimas sobre o bairro onde nasceu e onde morra até o hoje, o Nordeste de Amaralina, além das rimas sobre a realidade social da cidade e estará lançando um cd através da gravadora Sony Music no dia vinte de Agosto deste ano. Mrs. Armeng como é conhecido no meio musical, também nos mostrou ter um olhar sensível sobre qualquer questão que fosse ligada diretamente ao lado social e isso despertou em nós o desejo de tê-lo fazendo parte desse projeto.

Por isso, entramos em contato com o músico e depois de nos encontrarmos para apresentar o projeto e discutir as questões que norteavam o documentário, ele nos entregou de forma bastante generosa e sem cobrar nada, a trilha que seria responsável por traduzir em rimas os sentimentos do nosso documentário.

3.6 – Sobre os nossos ídolos

Como já foi dito antes, decidimos há um ano que concluiríamos o curso de Comunicação com um trabalho que fosse capaz de falar sobre esporte e ao mesmo

tempo não ficasse restrito apenas ao âmbito acadêmico ganhando assim um caráter social.

Porém, não imaginávamos, apesar de saber que teríamos muitos desafios pelo caminho, que o nosso trabalho fosse também, capaz de nos mostrar tanto sobre a vida e sobre os limites e superações humanas. Que fosse este um trabalho, construtor de um novo olhar e de uma nova perspectiva de vida para nós mesmas.

Durante os meses que passamos entrando em contato com os atletas fomos nos dando conta de que mais do que falar sobre esporte e qualquer que seja a deficiência em questão, precisávamos falar sobre aquele ser, que abria o seu coração, a sua vida, os seus sonhos e pensamentos mais profundos para duas meninas que pouco entendiam sobre a vida e que não imaginavam quão profundas e inspiradoras seriam experiências que estavam por vir.

Logo de início foi preciso entender que não éramos nós que estávamos convidando aquelas pessoas a fazerem parte do nosso universo, na realidade elas que nos convidavam a cada resposta dada, a ingressar nas histórias de suas vidas.

A partir daí, tudo foi ficando mais claro e tomando forma através das imagens captadas. E assim, a cada dia de contato com esses seres tão especiais, fomos construindo não apenas um trabalho sobre eles e suas trajetórias, mas construímos acima de tudo, uma nova visão de nós e do mundo em que vivemos.

Por essa razão o trabalho não traz apenas os pensamentos e sentimentos de Marcelo, Monica, Jeferson, os meninos e meninas do basquete, mas que tem muito a dizer sobre o aprendizado adquirido por Adrielle e Ana Paula. Afinal de contas, aprendemos com esses atletas a falar sobre a vida, sobre o destino, sobre o medo, sobre a coragem, sobre a fé em si mesmo. Aprendemos a entender que sempre existirá algo capaz de desviar o curso, capaz de mudar em segundos o nosso modo de fazer e de viver, mas que independentemente de ser essa mudança positiva ou negativa, não se deve parar de sonhar, não se pode parar de sonhar.

3.6.1 – Marcelo Collet: o desbravador dos mares

Marcelo Collet (como é descrito no seu próprio blog marcelocollet.blogspot.com.br) é um atleta que iniciou sua carreira paraolímpica após ser atropelado em um acidente em Salvador. Na época, aos 17 anos, ele já era considerado uma promessa do triatlo brasileiro.

Depois do acidente, Marcelo investiu na natação paraolímpica e atualmente é um dos melhores da modalidade. Tornou-se atleta da Seleção Paraolímpica de Natação e já participou de algumas das mais importantes competições internacionais, entre elas os Parapanamericanos realizados em Mar Del Plata e Rio de Janeiro, onde conquistou oito medalhas sendo duas de ouro, três de prata e três de bronze e duas Paraolimpíadas em Atenas e Pequim, nas quais ficou entre os oito melhores nadadores do mundo.

Marcelo Collet é um homem que nasceu esportista, como ele mesmo gosta de destacar. Nas muitas conversas que tivemos, uma frase nunca cansou de ser dita pelo atleta: “eu sou um cara que desde sempre fui ligado ao esporte... Enquanto diversão para muitos jovens da minha época era ir para uma festa no sábado à noite, para mim era saber que dormiria cedo para ir treinar no dia seguinte” .

Marcelo Collet é: pai, marido, filho e irmão. É um cara como outro qualquer, que seguiu o curso de sua vida sem jamais desistir de fazer o que realmente queria fazer: competir. Extremamente perfeccionista, como ele mesmo se intitula, sempre buscou a excelência no esporte.

Apesar de admitir que todos nós temos limitações, deixa claro que todo e qualquer limite pode ser rompido. Para ele, a capacidade de se adaptar do homem é a grande responsável por impulsionar as pessoas a ir além do que aparentemente são capazes.

O que cativa em Marcelo é o modo como ele vê a sua deficiência, ou melhor, o modo como ele não enxerga tal deficiência. Ele até admite que como perdeu o movimento da perna ainda na adolescência, teve dúvidas e medo sobre como a sociedade o veria.

Entretanto, isso não era mais importante que a meta de não deixar a sua mente duvidar da capacidade de voltar a ser atleta. Ele deixa claro a cada pergunta sobre o assunto, que sua deficiência física nunca afetou seus sonhos, nunca diminuiu sua força de vontade.

Foi ela que tornou sua maior conquista, a travessia do Canal da Mancha, ainda mais significativa. Depois de cumprir o desafio que ele próprio se impôs (a travessia não foi uma competição, Marcelo decidiu fazê-la por desejo próprio) saiu do mar com uma certeza: “tudo é uma questão de você preparar sua mente”. Parafraseando Marcelo nós diríamos que tudo é uma questão de olhar, sempre há potencialidades nos limites.

3.6.2 – Monica Veloso: “Foi paixão pela água mesmo, e o que causa essa paixão é a liberdade que eu tenho dentro dela”

Com essas palavras que Monica Veloso, uma das mais conhecidas nadadoras paratleta do Brasil define a sua relação com a natação e com o esporte. Monica Veloso já disputou competições importantes a exemplo do 23º Campeonato Internacional Alemão, a Copa Verão 2013 e o Campeonato Internacional de Natação.

Ela perdeu os movimentos das pernas ainda na infância, com apenas dois anos, em virtude de uma poliomielite. Entretanto, a paralisia nunca foi empecilho para Monica, nem nas competições esportivas, nem nos desafios pessoais. Aos 54 anos ela é presidente da Associação Baiana de Atletas Deficientes e uma grande defensora dos direitos dos deficientes físicos. Para a nadadora a maior batalha de um portador de deficiência é a busca pela aceitação social e pela independência e estes dois itens podem ser conquistados através do esporte.

Monica é graduada em desenho e artes plásticas, mãe e dona de casa. Para ela, torna-se atleta foi o que possibilitou conquistar esses importantes títulos na vida pessoal. Diante da força que ela transmite, a coisa que mesmo chama a atenção em Monica é o fato de ela precisar de uma cadeira de rodas para se locomover.

3.6.3 – Jefferson da Conceição Gonçalves: o melhor do mundo

Jefferson da Conceição Gonçalves, mais conhecido como Jefinho, é um atleta de 23 anos. Baiano, ele é dono de um sorriso fácil e uma delicadeza capaz de encantar a todos. Jeferson pratica o futebol de cinco (como é chamado o futebol para pessoas com problemas visuais), desde os 14 anos de idade. Nestes nove anos, já participou de vários campeonatos importantes dentro da sua modalidade. Tornando-se bi-campeão paraolímpico em 2012 em Londres (o primeiro título foi conquistado na China, em 2008).

Em Londres, ele foi eleito também o melhor jogador do mundo do futebol de cinco. Assim, como Cristiano Ronaldo, Messi, Ronaldo... Jeferson é o melhor naquilo que faz, a única coisa que o distingue destes outros astros é o reconhecimento. O melhor do mundo, é baiano, mora em Lauro de Freitas, treina em uma quadra simples de uma faculdade, mas também tem medalhas de ouro, troféu, talento... Só que pouca gente sabe disso.

O menino que perdeu a visão aos sete anos de idade, em virtude de um glaucoma, ainda tem guardada na memória as imagens do sol e das estrelas. Mas o fato de ter ficado cego não causa tristeza a Jeferson, afinal foi no “apagar das luzes” que ele pode enxergar o seu mundo interior e descobrir o seu talento para o esporte.

Para o atleta é indiscutível a importância do esporte na construção da sua identidade. Segundo ele foi à prática esportiva que o livrou do isolamento, que proporcionou para ele o convívio em sociedade. O esporte colocou o Jefinho em um lugar privilegiado, o transformou no melhor do mundo.

3.6.4 – Os meninos e as meninas do basquete

Sim! É importante falar sobre os meninos e as meninas do basquete como “os meninos e as meninas do basquete”, porque falar de forma individual sobre eles seria de certo modo tirar a característica de família e coletividade desse grupo. Nós aprendemos ao longo do tempo que passamos com eles, que independente de quão diferente fosse às histórias de cada um, todos eles tinham algo em comum: o amor pelo esporte, o amor pelo basquete.

E isso ficava cada vez mais evidente à medida que falavam sobre como deveríamos segurar e jogar a bola, como deveríamos mover a cadeira de rodas, ou observar o time adversário. Era possível entender como era importante para eles que os outros pudessem perceber a importância que eles davam/dão ao jogo, e como o mesmo tem o poder de transformar as pessoas e de ensinar a superar limites. À medida que o tempo passava víamos como o basquete era importante para cada um de modo individual e como ganhava um significado maior quando se tornava importante para o grupo, aquele tinha e tem o poder de unificar aquelas pessoas.

Encontramos gente como Anderson, que pela segunda vez estava na quadra depois de anos mergulhado na depressão após receber um tiro e perder os movimentos das pernas em uma tentativa de assalto em frente a sua casa, quando ainda era um adolescente. Como Fábio que mesmo tendo sofrido uma lesão aos três anos em uma das pernas, encontrou, aos vinte e oito anos, a verdadeira alegria de viver quando fez uma cesta pela primeira vez. São histórias de pessoas que tiveram suas vidas mudadas pela doença e salvas pelo esporte. Isso é o que os faz dividir uma quadra, um amor... Isso é o que os tornam um time.

Mas, apesar de ouvir sobre essas histórias e essas pessoas de forma individual, foi apenas observando como essas histórias se cruzavam dentro da quadra e como os sorrisos ecoavam a cada jogada, que conseguíamos entender o poder daquele jogo na ressocialização daquelas pessoas. Porque apesar de viverem vidas tão diferentes, praticando o basquete, eles eram todos iguais.

IV CAPÍTULO

4 - APRENDENDO COM O TCC

“Eu só pensava em conseguir nadar os próximos 30 minutos”. A frase de Marcelo Collet nos marcou bastante. Este era o pensamento dele durante a travessia do Canal da Mancha, quando nadou mais de 10 horas, para cumprir um desafio que ele mesmo se impôs. Nada de querer nadar 10 horas de vez, nada de pressa. O pensamento do campeão era conseguir superar o próximo obstáculo, devagarzinho, um após o outro.

Marcelo não foi o único a nos mostrar uma nova forma de superar as barreiras da vida. Todos os entrevistados nos disseram coisas transformadoras. Nós saíamos de cada entrevista com um olhar diferente. Saíamos mais fortes, mais seguras de que limites são impossibilidades mentais, qualquer um pode alcançar o que quiser, basta ter força de vontade.

Nós assistimos ao treino do melhor jogador de futebol do mundo e o único detalhe que o distinguia dos demais jogadores ditos “perfeitos” era uma venda nos olhos. A habilidade, o talento e a dedicação eram os mesmos. Nós olhávamos cada drible quase incrédulas e algumas vezes chegamos a duvidar que ele não enxergava. Ao vê-lo jogando fica claro: a cegueira de Jefferson é apenas um detalhe, pouco significativa.

Durante as nossas conversas com as fontes, nós tínhamos mais convicção que tudo é uma questão de ponto de vista, a mudança no direcionamento do olhar pode te possibilitar a descoberta de um novo ser. Bastava refletir um pouco sobre os desafios vividos por nossos atletas para que ficasse claro o quanto que a deficiência é um mero detalhe, para que nós tivéssemos a noção que a deficiência está no nosso olhar ao olhar o outro. Segundo professor José Antônio Saja o antônimo de beleza é tristeza e talvez por isso todos pareciam tão belos estética e fisicamente, ninguém ali era triste. Todos encontraram na prática esportiva sua fonte de alegria.

Defeito e beleza não são faces contrárias, um precisa do outro lado a lado, afinal o que é a beleza sem o defeito? Nossos contrários e imperfeições também nos definem e neles estão nossas potencialidades. É por sermos imperfeitos que buscamos a excelência. Se a sabedoria popular reza que a beleza está no olho de quem vê, nós vamos além: a tristeza (e não a feiura) também é uma questão de olhar pessoal.

Finalizamos o trabalho mais preparadas para enfrentar a vida. Com menos preconceito e treinando nosso olhar para perceber que todos nós somos belos e tristes e para quem se encaixa mais na segunda definição há sempre um jeito. Basta procurar algo que possa transformar esta tristeza em felicidade, este algo pode ser o esporte, a família, o trabalho... Cabe a cada um de nós descobrir.

V CAPÍTULO

5– JOGANDO O JOGO

Os esportes paralímpicos têm especificidades que os diferenciam, em certo grau, dos praticados por pessoas que não possuem deficiência física. Por isso, achamos pertinente relatar quais são as regras que regem as modalidades esportivas abordadas no nosso documentário. Os textos a seguir foram retirados integralmente do site [:http://www.rio2016.com/](http://www.rio2016.com/).

5.1 – Futebol de 5

O Futebol de 5 é disputado apenas por pessoas totalmente cegas ou incapazes de distinguir a forma de uma mão. A modalidade teria surgido por volta da década de 20, na Espanha, em escolas e institutos especializados.

Embora exista há algum tempo, a disciplina só passou a fazer parte do programa paraolímpico nos Jogos de Atenas, em 2004. O primeiro Mundial foi disputado na cidade paulista de Paulínia, em 1998, e o título ficou com o Brasil.

O Futebol de 5 é disputado em uma quadra com as mesmas medidas que a de futsal, e o piso pode ser emborrachado, de cimento ou de madeira – porém, a grama sintética tem sido a preferência desde a primeira disputa do esporte nos Jogos Paraolímpicos.

As regras gerais são baseadas no futsal, que é de responsabilidade da Federação Internacional de Futebol (FIFA, em inglês). O esporte está a cargo da Federação Internacional de Esportes para Cegos (IBSA, em inglês), criada em 1981.

Entretanto, existem diferenças como a ausência da saída lateral da bola duas bandas laterais de 1,20 metro impedem que ela deixe a quadra. Além do pênalti, existe o duplo pênalti, em uma marca a oito metros do gol.

Cada equipe é composta de quatro atletas de linha, que utilizam vendas nos olhos para evitar que aqueles que apresentam percepção luminosa levem vantagem - já o goleiro enxerga normalmente. Os jogos são disputados em dois tempos de 25 minutos, com um intervalo de dez, e o vencedor é o time que fizer mais gols.

A bola oficial possui guizos em seu interior, e o seu som orienta os jogadores. Eles recebem instruções de três chamadores, que ficam nos terços de orientação: no defensivo, a responsabilidade é do goleiro. No médio, do técnico, que fica no banco de reservas, e no ofensivo de outro integrante da comissão técnica, que fica atrás do gol adversário. Apesar deste recurso, falar muito pode atrapalhar os jogadores.

5.2 – Basquete em cadeira de rodas

Este esporte fez sua estreia nos primeiros Jogos Paraolímpicos, realizados no ano de 1960 em Roma, e é um dos poucos que esteve presente em todas as edições do evento. As mulheres entraram na disputa em 1968, em TelAviv, capital de Israel.

O Basquetebol em Cadeira de Rodas é disputado por pessoas com alguma deficiência físico-motora. As cadeiras são adaptadas e padronizadas, conforme previsto nas regras – sob a responsabilidade da Federação Internacional de Basquetebol em Cadeira de Rodas (IWBF, em inglês), fundada em 1989 e que ganhou independência em 1993.

As dimensões da quadra, a pontuação e a altura da cesta são as mesmas do Basquetebol convencional - assim como as equipes, com cinco jogadores cada. As partidas são divididas em quatro quartos de dez minutos. O relógio para, entre outras situações, quando a bola sai da quadra, ou em cada pedido de tempo, de um minuto cada.

Cada equipe tem 24 segundos de posse de bola, e precisa arremessá-la em direção à cesta antes deste tempo. A cada dois toques na cadeira, o jogador precisará quicar, passar ou arremessar a bola. O simples contato das cadeiras dos participantes não é considerado falta pela arbitragem – apenas se for interpretada a intenção.

Com o intuito de deixar os times equilibrados, a classificação dos atletas é feita por um sistema de pontos, que vai de 1 a 4.5, respeitando o potencial funcional de cada um – quanto maior a pontuação, maior a habilidade funcional do atleta. A soma de todos os jogadores em quadra não pode ultrapassar o total de 14 pontos.

O Basquetebol em Cadeira de Rodas é um esporte pioneiro, com muita tradição no movimento paraolímpico.

5.3 – Natação

Um dos esportes com maior número de participantes e eventos no programa paraolímpico, a Natação está presente desde a primeira edição dos Jogos, no ano de 1960, em Roma. À época, apenas pessoas com lesão medular participavam.

Esta condição começou a mudar nos Jogos de Heidelberg (Alemanha), em 1972, quando nadadores com deficiência visual disputaram eventos demonstrativos. Pouco a pouco o esporte foi se abrindo a mais classes, e atualmente conta com atletas com deficiência física, visual e intelectual.

A maior diferença da Natação em relação a qualquer outra disciplina paraolímpica é o fato de o atleta utilizar apenas o seu próprio corpo para a competição – recursos como órteses e próteses não são permitidos.

Existem dez classes funcionais para os nados livres, costas e borboleta, todas identificadas pela letra S (do inglês Swimming, ou Natação em português), mais nove para o nado peito, chamadas de SB (B de Breaststroke, ou nado peito), e mais dez para o medley, chamados de SM. As pessoas com deficiência visual se enquadram nas categorias 11 (cegos), 12 e 13 (Baixa visão), e as com deficiência intelectual em uma única classe, na 14.

Além disso, dependendo de suas habilidades, os atletas podem largar direto de dentro da água, sentados ou ao lado do bloco de partida. Em alguns casos, seu técnico ou um voluntário auxiliam apenas na saída da prova, e sem poder dar impulso.

Outro exemplo é nas provas de nadadores com deficiência visual que necessitam adaptações para garantir sua integridade e segurança: na hora da virada e/ou chegada eles recebem um aviso por meio de um bastão, com uma ponta de espuma. O tapper é a pessoa responsável por realizar o toque com o bastão e ele deve ser treinado junto do nadador para que a ação seja sincronizada com o nado do atleta. Além disso, nadam com óculos opacos para a prova, o que garante que todos estejam na mesma condição.

O esporte é de responsabilidade do Comitê Paraolímpico Internacional (IPC, em inglês), adaptando as regras da Federação Internacional de Natação (Fina).

Homens e mulheres competem separadamente em provas que vão dos 50 aos 400 metros, no estilo livre, e 50 aos 100m no borboleta. O medley tem eventos de 150 e 200m. No revezamento, as equipes não são montadas apenas pelos menores tempos, e sim por uma limitação de pontos a cada time, pré-definida para as provas – a única exceção é na prova S14, para atletas com deficiência intelectual.

5.4 –Paratriatlo

Uma das novidades no programa dos Jogos Paraolímpicos de 2016, o Paratriatlo vem experimentando o mesmo sucesso que o esporte convencional, estreante no programa olímpico no ano 2000, em Sydney. Desde o início da realização do primeiro Mundial, em 6 de Agosto de 1989 em Avignon (França), o esporte ganha praticantes em todo o mundo.

O percurso é composto por 750 metros de nado, 20 quilômetros de ciclismo e outros 5 quilômetros de corrida, distância conhecida como Sprint Triatlo. Assim como no Triatlo tradicional ou Standard, o tempo gasto na transição entre nado, ciclismo e corrida é computado no tempo total de prova, e vence o atleta que realizá-la no menor tempo.

Participam do esporte pessoas com diversos tipos de deficiência, desde cadeirantes, amputados até atletas com deficiência visual. Eles são classificados de acordo com suas potencialidades e podem utilizar equipamentos adaptados para o

auxílio em sua locomoção – por exemplo, competidores com paraplegia, ou cadeirantes, podem usar uma bicicleta manual chamada de handcycle, impulsionando os pedais com as mãos, para a etapa de ciclismo, e realizar a corrida em uma cadeira de rodas.

As cinco classes do Paratriatlo são definidas pela União Internacional de Triathlon (ITU, em inglês), através de um sistema de pontuação específico, e reconhecidas pela sigla PT. A classe PT1 inclui todos os cadeirantes. Nessa classe são utilizadas as handcycle no Ciclismo, e uma cadeira de rodas especial na corrida. Para se enquadrar nessa categoria, os atletas devem ter uma pontuação de até 640 pontos.

As classes PT2, PT3 e PT4 são as dos atletas com comprometimentos como deficiência nos membros, hipertonia, ataxia e/ou atetose, carência de força muscular e amplitude de movimentos diminuída. Nestas classes, os participantes amputados podem utilizar próteses ou outros dispositivos de apoio. Enquadram-se na classe PT2 atletas com até 454,9 pontos, enquanto a classe PT3 conta com atletas pontuados entre 455 e 494,9 pontos e a classe PT4 é formada por competidores que obtiverem uma pontuação entre 495 e 557 na avaliação de classificação.

A classe PT5 inclui os atletas com deficiência visual e é subdividida em B1, B2 e B3, de acordo com a capacidade visual de cada atleta. Um guia de mesma nacionalidade e sexo é obrigatório durante toda a prova. Nesta categoria os atletas e seus guias devem montar uma bicicleta de dois lugares durante a etapa de ciclismo.

VI CAPÍTULO

6 – CONCLUSÃO

A influência da prática esportiva para o corpo é inegável. Seja por motivo de saúde ou por simples vaidade, as pessoas praticam esporte na tentativa de manterem-se belas e saudáveis. Ao submeterem-se a uma série de exercícios físicos de maneira continuada, os seres humanos vão adquirindo formas corporais bem definidas, constantemente associadas ao padrão de beleza vigente (corpos magros, musculosos, jovens...).

Mas podemos notar também que quando o corpo em questão possui alguma alteração física, e por isso já não está incluso no padrão de beleza cultuado socialmente, o esporte atua como um fator importante para a ressignificação da imagem que este corpo transmite para as outras pessoas, além de ajudar o próprio paratleta a entender e superar suas limitações.

Porém, é importante destacar que esta mudança na forma de enxergar as pessoas com deficiência através da prática esportiva, não pode servir para produzir uma polarização nas abordagens sociais que fazemos dos paratletas. Segundo Tatiane Hilgemberg (2014) os atletas que possuem deficiência física são constantemente retratados pela mídia de duas formas: ou como coitadinhos, ou como super-heróis. A autora destaca que com frequência os meios de comunicação representam as pessoas com deficiência retratando-as como diferentes ou como pessoas que não se enquadram na sociedade. Por outro lado, os atletas com deficiência também são retratados como pessoas com grandes habilidades para superar seus obstáculos.

Devemos deixar estes estereótipos de lado, pois eles constantemente são os responsáveis pela criação de preconceitos. A maioria dos atletas que entrevistamos relatou situações em que foram vistos como incapazes de desempenhar funções simples. Mônica Veloso (nadadora), por exemplo, conta que muitas vezes atendentes de lojas deixavam de se dirigir a ela, falando com seu(a) acompanhante, mesmo quando a compra seria para a própria Mônica. Já a jogadora de basquete, Cleuma Gonzalez, relatou que muita gente a criticou quando soube que ela estava grávida, acreditando que ela não seria capaz de cuidar do filho.

Estes relatos de preconceitos diminuem bastante quando a pessoa com deficiência está associada ao esporte, pois elas passam a ser vistas como super-humanos. É inegável que quando o deficiente físico é também o atleta, a relação que ele próprio estabelece com o corpo acaba sofrendo alterações, geralmente positivas, de forma que as características físicas não funcionam como um obstáculo para a conquista de autonomia no cotidiano e/ou a transposição de barreiras físicas feitas atléticas (como o de Marcelo Collet que nadou mais de 10 horas para superar um desafio que ele próprio se

impôs), o corpo-finitude transforma-se em um corpo-superação e isso faz com que os paratletas entendam melhor suas próprias limitações e aceitem sua aparência física. Mas não é por isso que o esporte é um fator fundamental para os deficientes físicos, afinal como relata Hilgemberg (2014) nem todas as pessoas devem esforçar-se heroicamente para superar suas limitações.

O esporte é importante porque, além de ser um meio de integração na sociedade, atua como um fator fundamental na construção da beleza estética e atlética do atleta deficiente, já que contribui para que o “defeito” não seja visto como uma prisão e não seja nem ignorado, nem potencializado. O equilíbrio é o “x” da questão e é isso que os atletas entrevistados parecem ter encontrado.

A prática esportiva causa uma mudança tanto na parte psicológica quanto na física do paratleta. No âmbito psicológico a prática esportiva proporciona um entendimento da estética corporal e aceitação do próprio corpo (aceitação aqui, não pode ser entendida no sentido de passividade, mas de entendimento). Quando a pessoa descobre suas outras possibilidades e capacidades (seja nadar 10 horas, apesar de não ter os movimentos de uma das pernas, ou fazer um drible sem enxergar a bola) ela passa a ter a autoestima necessária para ver-se como bela e ganha a autoconfiança para não deixar-se ser vista como incapaz.

Já em relação às mudanças físicas, notamos que a prática esportiva deixa marcas corporais, além de exigir dos atletas um cuidado maior com o corpo. E tudo isso acaba por ajudar o atleta a ver-se como belo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. Trad. David Jardim Júnior. 26.ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

D'ALMEIDA, Alfredo Dias. **Roteiro para documentário**: uma obra que não se fecha em si mesma. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009, Curitiba. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1561-1.pdf>. Acessado em: 7 Jan. 2014.

GÓES, Fred; VILLAÇA, Nízia. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Artemídia, 1998.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HILGEMBERG, Tatiane. **Do coitadinho ao super-herói**: representação social dos atletas paralímpicos na mídia brasileira e portuguesa. Ciberlegenda, 28 maio. 2014. Disponível <http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/725> Acesso em: 09 jul. 2014.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**: por uma ética da estética. Petrópolis: Vozes, 1996.

MELO, Vitor. **Cinema e Esportes: Diálogos**. Revista Z Cultural, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/cinema-e-esportes-dialogos-de-victor-andrade-de-melo-2/>. Acesso em: 10 Mar. 2014.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 2010.

PIOVEZAN, Adriane. **Cinema documental e memória histórica no Brasil contemporâneo**. VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2010, Curitiba.

RAMOS, Fernão Pessoa. **Mas Afinal...O que É Mesmo Documentário?** São Paulo: Senac São Paulo, 2008.

SANTOS, Everton Rodrigo; ZILLOTTO, Denise Macedo. Corpo, significados sociais e a experiência da deficiência. **Efdeportes**, Buenos Aires, nov. 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd126/corpo-significados-sociais-e-a-experiencia-da-deficiencia.htm>. Acesso em: 16 Out. 2013.

VALVERDE, Monclar. **Estética da Comunicação**. Salvador: Quarteto, 2007.